

REVISTA DA ANPEGE. V. 18. Nº. 37, ANO 2022 E-ISSN: 1679-768X

DOI 10.5418/ra2022.v18i37.16669

EDITORIAL

GEOGRAFIAS DA ESPERANÇA

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves
Universidade Estadual de Goiás (UEG)
Editor da Revista da ANPEGE

Geografias da esperança: visitar o Brasil, dialogar com o mundo será o tema do XV ENANPEGE – Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, sediado na cidade de Palmas (TO) entre 09 e 13 de outubro de 2023. A escolha desse tema para o Evento reafirma a importância da Geografia engajada na construção de uma sociedade democrática e justa; de uma ciência que interpreta o país e não olvida o diálogo com o mundo. O tema tem também um sentido político e não exime a Geografia do compromisso de contribuir com a construção de um projeto para o Brasil diante da derrota do Governo Bolsonaro e da vitória de Lula como Presidente da República que iniciará seu terceiro mandato a partir de 01 de janeiro de 2023.

Na Seção Temática publicada no V.18, N.36 (2022) desta Revista, chamamos atenção para a importância de uma *Geografia que propõe ao Brasil*. O lançamento dessa Seção Temática ocorreu antes do segundo turno das eleições presidenciais. Naquele momento vivíamos o desafio de derrotar a ameaça fascista e os ataques constantes à democracia; aos direitos humanos; às diversidades de gênero, étnicas e raciais; aos camponeses, indígenas e quilombolas; aos trabalhadores e trabalhadoras; à ciência, educação e saúde pública.

Diante disso, o posicionamento crítico da Geografia, através de pesquisadoras e pesquisadores de distintas regiões brasileiras, representando diversos programas de pós-graduação, demonstrou que essa disciplina científica contribui para interpretar e propor um projeto para o país que passa pela leitura do território. Demonstrou-se que uma *Geografia que propõe ao Brasil* desvela as contradições e vislumbra a transformação de territórios para que mulheres e homens trabalhem e vivam com dignidade.

Neste Editorial, por sua vez, do último número de 2022 (V.18, N.37), optou-se por destacar as *Geografias da esperança*. A esperança está imiscuída nas resistências e nos desafios postos no horizonte que se inicia em 2023. Nos últimos anos, muitos de nós perderam amigos, vizinhos, familiares e colegas de trabalho no contexto da Pandemia da Covid-19; atravessamos momentos de medo, luto e indignação frente ao negacionismo do governo brasileiro disseminado na sociedade através de *fake news*. Contudo, geógrafas e geógrafos, ativistas populares, professoras e professores lutaram e acreditaram que a manhã iria chegar, tal como Thiago de Mello publicou em *Madrugada Camponesa*: “Faz escuro, mas eu canto / Porque a manhã vai chegar”. A nova manhã chegou e com ela o sonho de que mulheres e homens saiam dos arrabaldes da injustiça para protagonizarem com esperança a construção de um novo projeto para o Brasil.

O professor Adão Francisco de Oliveira, Presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE), sintetiza elementos que perpassam o propósito da construção de *Geografias da esperança* ao dizer que

Encerramos um ciclo muito triste e perverso da história do país. Vimos o absurdo acontecer: banalizou-se a maldade, realizada como política pública na forma de violência deliberada (contra indígenas, camponeses, lideranças sindicais); de agressão à Floresta Amazônica; de ódio contra as diferenças e os diferentes; de supressão dos direitos (trabalhistas, sociais, humanos); de negação da ciência; de perseguição a pro-

fessoras e professores; de pauperização das bases sociais. Foram 6 anos de um longo pesadelo, iniciado com o golpe de 2016 e agravado com o governo *fake news* dos últimos 4 anos. Nesse período o governo brasileiro precarizou o trabalho; fomentou o feminicídio; rejeitou os planos de vacinação e o país perdeu quase 700 mil pessoas para a Covid-19 e viu doenças erradicadas voltarem. Sofremos. Houve momentos de desespero e desesperança. Mas, superamos essa triste história. Com a conhecida resiliência brasileira e com a resistência dos movimentos sociais, dos partidos de centro-esquerda, das pessoas que não desistem nunca deste país de plenas possibilidades, nos reorganizamos, encaramos a eleição mais tensa da história da República e contra todo um esquema gigante de compra de votos, vencemos o pleito, elegemos Lula presidente, mudamos o rumo da história. Encerramos o ano de 2022 reinventando o Brasil, redesenhando-o com os traços da sua diversidade, pintando-o com cores hodiernas, democráticas, civilizatórias, republicanas, cívicas. 2023 chegará com a esperança que nos permite sonhar de novo com um mundo melhor. Isso não significa que não precisaremos mais lutar. A luta precisa ser travada todos os dias, sempre. Para que o Brasil sustente as cores e formas que desenhamos no último processo eleitoral, é preciso da atenção de todos nós na formulação das políticas públicas, no seu monitoramento, na pressão dos movimentos sociais, na organização dos movimentos de base. O Brasil do futuro, da esperança, é também o Brasil da luta e da vigília.

As palavras do professor Adão Francisco de Oliveira nos situam na luta, na resistência e na esperança que arvoraram no Brasil e continuarão vigorosas frente aos desafios cotidianos e inescapáveis de nossas ações de professores e pesquisadores. A Geografia continuará não se silenciando diante de todas as tentativas de golpismo, facetas do fascismo e ataques à democracia no Brasil e no mundo. O obscurantismo e as tentativas de afrontar a ciência não encontrarão terreno fértil na comunidade geográfica brasileira.

O ano de 2022 possibilitou algo que a comunidade geográfica brasileira esperava depois de dois anos dramáticos de isolamento social devido à Pandemia da Covid-19. As aulas e os eventos presenciais voltaram a acontecer e transformaram-se em momentos sublimes de reencontros, abraços, debates e alegria. Entre esses eventos, destacam-se o XVII Simpósio Nacional de Geografia Urbana (SIMPURB), de 11 e 15 de novembro de 2022 em Curitiba (PR); o Encontro Nacional de Geografia Agrária (ENGA), de 08 a 11 de dezembro de 2022 em Belém (PA); e o Simpósio Internacional de Geografia, Literatura e Arte (SIGEOLITERART), de 30 de novembro a 03 de dezembro de 2022 na Cidade de Goiás (GO).

Chegamos ao fim de 2022 com motivos para comemoração. A Revista da ANPEGE foi avaliada com Qualis A1 pela Capes (2017-2020). Certamente esse é um reconhecimento pelo trabalho sério e engajado protagonizado por todos os editores e editoras que me antecederam. Ainda, um reconhecimento pelo importante trabalho de divulgação do conhecimento e da produção geográfica realizadas no Brasil e em demais países da América Latina e Caribe, da Europa e demais regiões e continentes. A Revista da Anpege se afirma como um espaço múltiplo e de ciência aberta, do multilinguismo e da bibliodiversidade. É também um espaço no qual a produção geográfica em nível de pós-graduação é publicizada e disseminada para que os textos sejam baixados e lidos por geógrafas e geógrafos de todo o país e do mundo.

Neste sentido, o V.18, N.37 (2022), além deste Editorial, apresenta nove artigos e uma entrevista. Os artigos sintetizam a diversidade teórica, metodológica e regional da produção geográfica brasileira. Há autoras e autores de programas de pós-graduação situados nas regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Ademais, pesquisas que abordam temas como questão agrária, zoogeografia do Brasil, práticas espaciais de Pessoas com Deficiência, desastres ambientais, variabilidade climática, circuitos da economia urbana, implicações territoriais de megaeventos e ensino de Geografia.

Finalmente, a entrevista com Marcelo Lopes de Souza, Professor Titular no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Pesquisador 1A do CNPq, fecha o número com o propósito de continuidade das entrevistas primordiais, projeto criado pela Gestão da Anpege (2022-2023). A partir destas entrevistas almejamos demonstrar como geógrafas e geógrafos contribuíram com a prática e o debate epistemológico, político e pedagógico da Geografia brasileira nos últimos quarenta anos. Em resumo, as entrevistas primordiais não aceitam o apagamento da memória de tantos(as) que entregaram seu tempo e seu trabalho à ciência geográfica.

Boa leitura!